

Manuela Martins Rodrigues

Abordagem e divulgação da lembrança da morte

Abordagem e divulgação da lembrança da morte:

Dois sermões pregados em Évora pelo jesuíta Francisco de Mendonça, nos anos de 1615 e 1616

Por Manuela Martins Rodrigues

357

O início do século XVII vê surgir em Portugal algumas obras de literatura de espiritualidade denominadas, de maneira geral, por *Manuais de Preparação para a Morte*. A primeira que conhecemos, da autoria de Jácome Carvalho do Canto, é editada em 1613 e ostenta um título bem sugestivo "Horas da Cruz de Cristo. Arte e aparelho para bem morrer" ⁽¹⁾. Dois anos depois, aparece a de António Alvarado intitulada "Arte de bien morir y guia dei camino de la muerte"⁽²⁾.

Contudo, a publicação que atingiu maior êxito editorial, ao longo de seiscentos, pertence ao manual do jesuíta Estevão de Castro. Surge pela primeira vez em 1621 e seis vezes durante mais de um século, datando a última edição de 1723⁽³⁾.

Estes livros proporcionam diversos conselhos escritos em forma de ensinamentos, de forma a que o cristão possa, mais facilmente, preparar uma boa morte. Uma das recomendações, várias vezes lembradas, é a elaboração do testamento como passo importante para alcançar a salvação eterna. No entanto, esta diligência, por si só, não é considerada suficiente para o conseguir. O homem deve reflectir e meditar na própria morte como forma ideal de evitar o pecado e, desta maneira, atingir o fim para o qual foi criado - a glória na eternidade. Ora, esta reflexão, ao pressupor a lembrança da morte, conduzirá à descoberta de algo importante e que deverá ser constantemente recordado: a fragilidade de tudo aquilo que é terreno.

Os especialistas, conscientes da importância da aprendizagem, apresentam de forma simples, nos já referidos manuais de preparação para a morte, os passos que devem ser dados para que cada um consiga viver correctamente e alcançar uma morte santa. Destinando-se a uma grande divulgação, as referidas obras editam-se em pequeno formato de forma a facilitar o manuseio, o transporte e, conseqüentemente, a consulta. Elaboradas muito didacticamente, visam atingir um público vasto e diversificado, permitindo ao leitor, tal como a um aluno, adquirir com uma relativa rapidez as noções, os conhecimentos e as técnicas que lhes permitam viver cristãmente, para conseguir alcançar a tão desejada boa morte.

Com toda a certeza, a informação proporcionada pela leitura de obras deste género circularia por grupos restritos de indivíduos. A leitura não poderia influenciar, de forma directa, uma população maioritariamente analfabeta.

¹ CANTO, Jácome Carvalho de, *Horas da Cruz de Cristo. Arte e aparelho para bem morrer*, 1613.

² ALVARADO, António, *Arte de bien morir y guia dei camino de la muerte*, 1615.

³ CASTRO, Padre Estevam de, *Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um chhstão: com a recopilção de matéria de testamentos e penitencia, varias orações devotas, tiradas da Sagrada escriptura e do Ritual Romano*, Lisboa, João Rodrigues, 1663.

Somos de opinião que esta influência se manifestava, sobretudo, através de mediadores, de preferência membros do clero que do púlpito comunicavam de forma privilegiada com a comunidade de fiéis, procurando levá-la à prática dos preceitos transmitidos. A pregação, que conheceu um grande desenvolvimento depois de Trento, quer na forma de homília quer na forma de sermão, teve certamente um papel de relevo na acomodação das atitudes e comportamentos de quem a escutava.

Talvez, mais do que toda a literatura escrita na época, a acção do orador sagrado tenha constituído uma das formas mais eficazes de lembrar a morte. O pregador, através da palavra recitada de forma engenhosa, poderia incendiar e mover vontades, para além de ter oportunidade de levar a um vasto público conceitos e noções de difícil apreensão.

358

Como se sabe, todo o discurso público pressupõe a existência de um auditório. Da mesma forma, o sermão constitui um discurso público que comenta a palavra revelada e não se limita a transmitir simples conselhos. As variações que podemos encontrar de pregação para pregação oscilam de acordo com as intenções do orador. No entanto, o orador sagrado é um homem moldado pelas ideias e posturas do seu tempo, revelando-nos, mesmo que indirectamente, determinadas representações e atitudes o que nos permite encarar o sermão não apenas como um texto literário mas também como um documento importante para o estudo, no presente caso, da história das ideias⁽⁴⁾. Daí que os diversos tipos de abordagem utilizados pelo pregador resultem de opções individuais mas, igualmente, do meio em que vive.

A mensagem a transmitir deve ser compreendida por quem a escuta, para ter verdadeiro alcance e eficácia. Logo, um bom orador sacro não deve perder de vista a tripla função da peça oratória que irá recitar. Essa função encerra objectivos pedagógicos muito evidentes: ensinar (*docere*), deleitar os sentidos para cativar a assembleia (*delectare*) e levar os ouvintes à prática dos preceitos transmitidos (*movere*).

Não esquecendo que a retórica é a arte da persuasão, o orador faz uso desta técnica que, manejada inteligentemente, pode transformar uma circunstância banal num verdadeiro acontecimento. Igualmente, deve proceder a uma escolha criteriosa das matérias, sempre de acordo com o tema a explorar - o motivo que dá ensejo ao aparecimento da prédica - e, sobretudo, adaptar o seu discurso e a forma como o transmite à assembleia que o irá escutar.

No presente caso, é a vigília dos defuntos e o aniversário dos mesmos que motivaram os dois sermões cuja análise agora apresentamos. O seu autor, o jesuíta Francisco de Mendonça, é conhecedor de toda a problemática que acabamos de expor. A matéria deverá relacionar-se com a celebração que a Igreja realiza todos os anos em honra dos seus defuntos. Sendo o espaço onde se pronunciaram as peças oratórias a Santa Casa de Misericórdia de Évora, o pregador adequará a exposição ao público que o irá escutar.

No entanto, Francisco de Mendonça pretende mais do que lembrar o respeito devido aos mortos. Deseja divulgar determinadas representações - da Morte e do Mundo -, aspira

⁴ MARQUES, João Francisco, *APerenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668*, I.N.I.C., Porto, 1989, vol. I, pp. 18 a 22.

levar o auditório a cumprir determinados preceitos que não têm relação directa com o respeito devido aqueles que já faleceram. O que procura é transformar aquele momento numa lição onde transmitirá ensinamentos que considera importantes. Por um lado, deseja conduzir a assistência a uma reflexão acerca da necessidade de lembrar a morte, por outro lado, deseja conseguir que os ouvintes tomem consciência de uma realidade que a todos toca - a sua condição de mortais.

No sermão do aniversário de defuntos⁽⁵⁾, proferido no primeiro de Novembro de 1615, o orador inicia a exposição utilizando um breve exórdio. Serve-se da seguinte períclope do Evangelho segundo São Mateus: "é Raquel a chorar seus filhos; não quer consolação, porque já não existem"⁽⁶⁾, que liga, quase de imediato, ao tema do assunto que ali o levou.

359

No entanto, salienta o conforto proporcionado pela misericórdia humana e divina, recorrendo a variados exemplos que ilustram o que acaba de colocar em evidencia. Afirma: "se a morte encarcera as almas no Purgatório; a misericórdia as entroniza no Paraíso"⁽⁷⁾, anunciando, logo de seguida, ir dividir a matéria da predicação em dois discursos: a necessidade de chorar as perdas trazidas pela morte e o consolo e proveitos trazidos pela misericórdia.

O início do desenvolvimento do primeiro discurso cativa pela forma como apresenta a morte. Fundamentando-se no Apocalipse, descreve-a como se de uma personagem se tratasse, revestindo-a de características físicas e psicológicas bem vincadas. A estratégia utilizada, quem sabe, terá excitado a curiosidade dos ouvintes, visto a exibição da morte ter sido elaborada de forma muito plástica. Ouçamos:

"Anda a morte passeando por todo o mundo a cavalo, & de cavalo. O cavalo vay acubertado de amarelo, cor de medo (...) Nam por a morte haver medo, senam pollo fazer (...) Nas mãos & nos pés do cavalo leva azas, nam perafogir a quem na acomete, senam pêra acometer a quem na foge (...) A morte, que vay emsima, toda vay tecida de ossos, huma caveira, huns costaes humas grades, humas canas. (...) Nam leva armas defensivas, nem escudo, nem elmo, nem arnês; porque (...) he morte, mas immortal. (...) Por onde quer que passa, vay jurando & protestando, que do mões alto ate o mões bayxo (...) ninguém lhe ha de escapar"⁽⁸⁾.

Podemos perguntar-nos qual a intenção de Francisco de Mendonça ao iniciar o corpo do discurso da forma acima exposta. Na verdade, a última afirmação é aquela que realmente lhe interessa ("Por onde quer que passa, vay jurando & protestando que do mões alto ate o mões bayxo [...] ninguém lhe ha de escapar"). Por isso, terá sentido necessidade de cativar os sentidos da assembleia que o escutava para, em seguida, passar a enunciar as provas dessa derradeira constatação. Utilizando passagens do Antigo Testamento que se referem à

⁵ MENDONÇA, Francisco de, *Sermoens*, Lourenço de Anveres, 1649, pp. 368-376.

⁶ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 368.

⁷ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 369.

⁸ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 369.

morte de Abel e de José, filhos de Jacob, entremeia o discurso com citações dos doutores da Igreja e, na senda de São Bernardo, cita:

"O morte cruel, exclama S. Bernardo, [...] não verás o que fazes? não verás a quem atiras? não verás a quem feres? não verás a quem matas? [...] não vos espanteys [...]. Naceo da desordem mata sem ordem. O seu tino he acabar a todos [...]"⁽⁹⁾

Esta citação de São Bernardo tem por objectivo encadear uma série de outras citações de forma a conseguir levar o auditório a tomar consciência de que: "Crecer, & morrer, tudo he hum" ⁽¹⁰⁾. Imediatamente recorre a expressões apresentadas de forma interrogativa, que explicitam e provam a ideia:

60

"Sobe o Eclesiástico à Mitra, sobe ao Capello, sobe ao Papado, suprema dignidade na Igreja: que lhe fica? Morrer, & acabar", concluindo: "Este he o mundo "⁽¹¹⁾

O autor emprega, neste momento, uma comparação que interrompe o discurso entrecido de exemplos sagrados, conseguindo aligeirar a prédica e inculcar mais eficazmente, pela simplicidade, a ideia - quanto mais alto é o posto tanto mais risco se corre -, afirmando:

"Chamo eu a isto crescer de lua nova, no ponto em que acaba de encher, neste último começa a diminuir "⁽¹²⁾

No entanto, estamos perante um duplo significado de morte. A expressão crescer utilizada como significado de viver representa morrer porque é, de facto, caminhar para a morte física; a mesma expressão, crescer, utilizada como significado de fama e importância mundana, pode igualmente representar a morte, neste caso a da alma, se o homem com isso se deleitar, atitude que conduzirá ao exercício do pecado porque a preparação da salvação eterna será descurada, devido a um demasiado apego às vaidades terrenas.

Os exemplos bíblicos continuam, mas a facilidade de compreensão é cada vez maior. Conduz, pelo deleite e pelo arrebatamento dos sentidos, de forma ágil o auditório para o que de facto pretende, endereçando à assembleia de fiéis o seguinte apelo:

"Discorrei hum pouco polia Escitura, & achareis milhares de mortos aos montes. Ide comigo. Só com huma caveira matou hum dia Sansão mil Philisteos. No povo de Israel matarão os Philisteos hum dia quatro mil"⁽¹³⁾

Continua, neste tom, de forma repetitiva. Baseando-se sempre no Antigo Testamento descreve grandes morticínios que crescem até atingir os 500 000 mortos.

Nesta altura da pregação emprega um novo apelo conducente a uma mudança de tonalidade do discurso. Já não se tratam de provas retiradas da Sagrada Escritura mas sim de

⁹ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 370.

⁰ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 370.

¹ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 370.

² MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 370.

³ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 371.

exemplos que, começando na antiguidade, percorrem passo a passo a história até chegarem a Portugal, espaço cujos acontecimentos seriam de molde a cativar a audiência de forma mais eficaz.

Com sagacidade, vai buscar à história universal e pátria nomes de personalidades bem conhecidas de alguns dos presentes para confirmar tudo o que tinha recitado até então. Convidando a assembleia a acompanhar as suas reflexões, constrói um discurso à base de perguntas mas formulando, de imediato, as respectivas respostas. As questões por si levantadas são muito simples, e o argumento utilizado para lhes dar solução é sempre o mesmo.

Vejamos como transforma os exemplos históricos em provas, tendo em vista refutar qualquer objecção que lhe possa ser feita:

"Discorrey por todo o mundo, & vereys como a morte vay batendo altos, & bayxos [...] ide comigo [...].

Quedos News, & Trajanos? Cinza.

Quedos Fernandos? Quedos Carlos? Quedos Philippes pymeiros, & segundos? Cinza. Entray neste nosso Reyno de Portugal, Tam Tímido, & conhecido dos estrangeyros; & perguntay por aquelles Reys pays da pátria, & conquistadores do mundo. Quedos Affnosos? Quedos Dinizes? Quedos Manoes? Quedos Joãos? Quedos Sebastiaens? Cinza."⁽¹⁴⁾

Vira-se, depois, para personalidades relacionadas com a epopeia nacional, prosseguindo de forma continuamente interrogativa:

"Quedos Almey das? Quedos Albuquerque? Quedos Castros? Quedos Sousas? [...] Cinza."

Continua a passar em revista o destino de pessoas já falecidas mas altera o cenário. Este passa a ser a própria cidade de Évora. Pergunta:

"Quede de vossos pays ? Quede vossos amigos ? [...] Eys aqui a gloria mundana, toda desfeyta empo, & em cinza "⁽¹⁶⁾

Todos os argumentos apresentados obrigam o auditório a lamentar tantos mortos. Eis a razão pela qual a igreja, todos os anos, comemora o aniversário dos defuntos. Por outro lado, a Igreja Eborense se olhar "pêra toda esta cidade, nam põem os olhos em casa onde nam veja algum defunto"⁽¹⁷⁾.

Finalmente Francisco de Mendonça alcançou o pretendido. Ao apresentar uma série de mortandades conduz a atenção dos ouvintes até ao local onde se encontram, ele próprio rodeado de morte.

⁴ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 372.

⁵ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 372.

⁶ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 372.

⁷ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 372.

Chegado a este ponto, o sermão transforma-se numa acção cúmplice estabelecida entre orador e assembleia. Continuando a discursar de fôria provocatória, eis que surge um apelo:

*"O que eu vos peço, irmãos, a todos [...] he que nam derrameis todas as lagrimas sobre aquelles, que ja morrerão; guarday também algumas sobre aquelles, que havemos de morrer"*¹⁸.

Desta vez, o rumo da oração visa uma meditação acerca da existência de todos aqueles que se encontram no recinto sagrado. O pregador constata que pessoas que o ouviam no ano transacto já ai se não encontram mas sim no além, na eternidade. No ano seguinte, prossegue, o mesmo irá acontecer com toda a certeza. Por isso coloca uma série de perguntas, para as quais a resposta é duvidosa:

*"Serey eu? Pôde ser Sereys vòs? Pode ser Ouem será? Vòs o sabeys, Eterno Deos."*¹⁹

Não deixando de utilizar uma certa cumplicidade para com a comunidade de fiéis que o escuta, o orador sagrado passa a ensinar a atitude que todos, incluindo a sua pessoa, devem tomar na lembrança dos últimos momentos: "Cada um de nós tema, & se apparelhe"²⁰. Os presentes deverão, assim, recear a própria morte e, por precaução, preparar-se para ela enquanto lhes resta tempo para o realizar. A morte encontra-se ali mesmo, no próprio espaço onde todos o escutam, visto os vivos constituírem um prenúncio de morte, cujos despojos rodeiam o auditório. Basta apenas saber como interpretar esses símbolos. Francisco de Mendonça sabe como o fazer e utiliza os recursos visuais do recinto onde se encontra. Nesse local muitos mortos estavam sepultados e, mais uma vez, abala as consciências de quem o escuta, dizendo:

*"Ponde os olhos naquellas tumbas, [...] & naquellas ossadas, & naquellas sepulturas, SL naquellas cinzas de tantos mortos. Eys ally huns espelhos cristallinos diante dos ollos. Ally vereys a incerteza de vossas vidas"*²¹.

Quase que se adivinha o tom empregue para pronunciar tais palavras e a expressão gestual escolhida para o acentuar. Tornava-se necessário inspirar um certo temor ao auditório para que este passasse a cumprir os preceitos que naquela hora lhe eram transmitidos - a compreensão, que cada um devia apreender, da necessidade em pensar, reflectir e meditar na própria morte. Tendo como objectivo reforçar esta ideia, exclama, talvez de forma pungente: "O que espelho tam cristalino aquella sepultura"²² para logo rematar:

*"Choremos, irmão [...] mas nam nos esqueçamos de chorar sobre nós mesmos, que tarde, que cedo, todos havemos de morrer"*²³.

⁸ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 373.

⁹ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 373.

²⁰ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 373.

²¹ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 373.

²² MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 373.

²³ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 373.

Neste momento altera a orientação do desenvolvimento do discurso. Este passa a ter um acento de verdadeira alegria, no intuito de libertar a audiência do temor da morte. Enaltecendo a acção dos irmãos da Confraria da Misericórdia, dirige a atenção num outro sentido e questiona:

"De que choraes irmãos? Padre, choramos por ouvir hua ladainha de tantos mortos [...]. Que lhe choraes? Os corpos? Ou as almas? Tudo choramos Padre [...] Ora nam choreys"⁽²⁴⁾, aconselha.

Enquanto Raquel chorava porque não tinha como se consolar, a Igreja tem razões para chorar, é certo, mas possui recursos para aliviar a aflição de todos os momentos, naquele caso a dor provocada pela morte. Passa, então, a provar que as almas e os corpos terão o benefício da misericórdia. A misericórdia divina e os sufrágios da comunidade católica auxiliarão a alma a libertar-se do Purgatório; a misericórdia humana, ali representada pelos irmãos da Santa Casa, cujo trabalho, afirma, é mais sublime do que o de Moisés ou mesmo de David, visto estes terem apenas enterrado os corpos do Santo Patriarca José e de Reis e Príncipes, enquanto a confraria que o escuta leva até a sepultura cadáveres de malfeitores. Esta actividade, que nem os Anjos do Céu realizaram, torna digno qualquer cadáver. Ao concederem sepultura a justicados, transformam corpos que viveram nos "braços do demónio" e morreram " nos braços duma força "em" ossos honrados [...] & tam honrados, que elles mesmos pullam de prazer"⁽²⁵⁾.

Termina apelando para a confiança que se deve ter em relação à misericórdia divina e humana, recordando aos fiéis o sangue que Jesus por nós derramou.

Os conceitos - misericórdia, morte e mundo - são retomados e ampliados no sermão da vigília de defuntos, proferido no mesmo local, no último dia de Outubro de 1616⁽²⁶⁾.

O exórdio inicia-se pela introdução de um conceito predicável. Utiliza a versão latina de uma passagem do Evangelho segundo São Mateus que traduz da seguinte maneira: "Aonde houver mortos, ahi se ajuntarão as Águias"⁽²⁷⁾ Numa primeira interpretação afirma que *corpus* significa o corpo de Cristo, no dia do Juízo Universal, rodeado dos Santos e Justos, representados pelas Águias. No entanto, chama a atenção para o original Grego, onde está escrita a palavra *cadauer* o que lhe permitirá interpretar esta passagem no seu "sentido místico". *Cadauer* significará o corpo de qualquer defunto. Assim, as *Aquila* (águias), afirma, serão forçosamente "os senhores, Provedor, & Irmãos da Misericórdia"⁽²⁸⁾, como se o nascimento e a história de tal instituição estivesse já anunciado na Sagrada Escritura.

²⁴ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, pp. 373-374.

²⁵ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 374.

²⁶ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, pp. 358-367.

²⁷ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 358.

²⁸ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 358.

Pela transformação de um sentido em conceito, consegue de forma engenhosa alcançar dois objectivos: arrebatando a atenção dos ouvintes, pois compara-os aos justos, às *Aquilae* e apresentar o tema do sermão que tratará da misericórdia dos vivos e da miséria dos mortos. Anuncia, ainda, em jeito conclusivo: "Da misericórdia dos vivos espero eu, q se aproueyte os mortos: da miséria dos mortos espero eu, q se aproueyte hoje os vivos"⁽²⁹⁾. A última afirmação é, em nossa opinião, muito interessante. De que forma Francisco de Mendonça provará que os mortos podem constituir um benefício para os vivos?

Compara a acção da Irmandade que o escuta a um tribunal. Em Évora, informa, existem dois. Um de justiça para castigar os malfeitores: "Ja matou, ja enforcou jajusticou"⁽³⁰⁾, e outro de misericórdia que, naquele instante, "trás os mortos a vida". Repare-se, mais uma vez, na adequação do discurso ao auditório. A assembleia que se congregou para o ouvir é um símbolo da misericórdia dos vivos (tema do primeiro discurso), situação que passa a provar. Prossegue, afirmando que o corpo que repousa "em lugar sagrado entre tantos suffrágios de fieis não está enterrado, mas sim plantado"⁽³¹⁾ e, socorrendo-se do texto Hebraico confirma a metáfora utilizada, criando novas metáforas e introduzindo novo conceito predicável:

"os que estão em lugar sagrado participando dos suffrágios da Igreja, não são corpos mortos, são plantas vivas; não são despojos do tempo, são sementes da eternidade"⁽³²⁾.

Prossegue, fazendo a apologia dos que levam padecentes à sepultura. Na realidade, Francisco de Mendonça refere-se directamente a Irmandade da Misericórdia que, naquele momento, acompanha o discurso proferido. O pregador afirma ser a actuação desta confraria mais notável que a dos Anjos, ideia, aliás, já utilizada no sermão anterior. Justifica a afirmação, dizendo:

"Porem vós Águias reaes, porem vós senhores Provedor, & Irmãos da Misericórdia (perdoayme Anjos Santos) vos adiante voaes. Porque nam ides enterrar a hum Moyses canonizado [...] ides a enterrar malfeytores na vida, & enforcados na morte"⁽³³⁾.

¹ Inverte a tendência da prédica dirigindo, desta vez, palavras inflamadas à assembleia:

"Comvosco fallo Águias reaes, comvosco fallo. Nobres, ricos, letrados, & senhores do mundo [...] abatey por reverencia de Deos humpauco as azas de vossos entendimentos; as azas de vossas fidalguias, as azas de vossas riquezas, as azas de vossas letras, [...] & vindeas lançar todas naquelle lugar das cinzas, sobre aquellas sepulturas, aonde todos, daqui a pouco tempo havemos de entrar"⁽³⁴⁾.

Estamos em face do que se pode designar como - técnica de choque. Depois de ter colocado a assembleia junto dos Anjos e dos Justos, afirma ser o seu destino, afinal, o mesmo daqueles malfeitores que levam a enterrar. O destino de todos é a sepultura.

²⁹ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 359.

³⁰ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 360.

³¹ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 361.

³² MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 361.

³³ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 362.

³⁴ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 364.

Neste contexto, aproveita para colocar a seguinte pergunta: o que é a existência mundana? Em primeiro lugar apresenta a visão dos filósofos:

"O homem tem o ser de todas as criaturas. Tem o ser do elemento, porque he; tem o ser da planta, porque vive; tem o ser do bruto porque sente; tem o ser do Anjo, porque entende"⁽³⁵⁾.

Em segundo lugar, refuta esta mesma visão, interpretando e desenvolvendo as palavras de David: "O homem tem o nam ser de toda a criatura"⁽³⁶⁾, e continua:

"Tem o nam ser do Anjo; porque hoje entende, amanhã nam entende; [...] Tem o nam ser do bruto; porque hoje esta alegre, amanhã triste, hoje esta são amanhã doente. Tem o nam ser da planta; porque hoje esta fresco, & verde, amanhã secco, & mirrado; hoje esta com folia, & com flor, & com fruíto, amanhã sem folha, & sem flor, & sem fruíto. Tem o nam ser do elemento; porque hoje he, amanhã não he, hoje aparece, amanhã desaparece; hoje carne & sangue, amanhãpõ & cinza"⁽³⁷⁾.

No fundo, o orador veicula ideias do seu tempo, época fértil em reflexões sobre a fragilidade e precaridade do que é terreno e muito atraída por questões relacionadas com a vaidade e o nada. O que de facto anima o homem é a alma. Assim que ela o abandonar, restará somente um frio cadáver. Desta forma, a morte habita o coração da vida mundana, enquanto que a vida eterna será a única verdadeiramente real.

Estas questões são aproveitadas de maneira didáctica pela literatura de espiritualidade que visa conseguir, através do exemplo que a morte constitui, uma reformação dos costumes e a prática do catolicismo reformado. Com este intuito Francisco de Mendonça constrói uma plástica auditiva, técnica que lhe permitirá levar os fiéis a reflectir no seu futuro passamento. Manejando um dos vários significados de morte, neste caso a morte física a que se seguirá o juízo particular, recorda que ninguém conhece o momento em que ela fará a sua aparição. Neste contexto pergunta:

"Quando ha de chegar esta hora? Quando, se hão de rematar estas contas? Nam sey; pôde ser que seja esta somana, pôde ser que seja este dia, ou esta noyte, pôde ser"⁽³⁸⁾.

Repare-se nos termos por si empregues para referir o tempo em que a morte poderá surgir: esta semana, este dia, esta noite. E como se a assembleia não estivesse suficientemente abalada, prossegue:

"Quando esperaes o morgado, quando esperaes a comenda, quando esperaes a tensa, quando esperaes a Conesia, quando esperaes o casamento rico, quando esperaes o cargo honroso: a morte bate à porta. O de casa! fora, fóra"⁽³⁹⁾.

³⁵ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 364.

³⁶ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 364.

³⁷ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 364.

³⁸ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 364.

³⁹ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 365.

De novo surge a morte como se de uma personagem se tratasse. A sua tarefa consiste em expulsar os homens de uma casa (o mundo) que, afinal, não é a sua. Citando Santo Agostinho reforça este princípio: "Esta casa he allugada, & nam doada. Despejay." ⁽⁴⁰⁾.

O objectivo parece-nos evidente. Pela utilização de uma linguagem suficientemente sugestiva, dirigindo-se, variadas vezes, de forma directa a quem o escuta, o pregador pretende envolver os sentidos do auditório para demonstrar que as vaidades do mundo - honra, fama, riqueza - alcançadas por cada um nesta vida restarão, um dia, junto do seu frio cadáver. Nessa altura não serão mais do que pó, cinza e nada. O importante, então, será cada um preparar de forma correcta a hora da morte, já que ninguém dela poderá escapar. Deve-se, pois, libertar a alma, morrendo misticamente para afastar o pecado, um dos melhores exercícios para alcançar a salvação eterna. A alma é encarada como representando a liberdade; o corpo, lugar das paixões viciosas, é representado como o cárcere, o obstáculo que acorrenta a alma ao pecado e a impede de viajar para a verdadeira morada que se encontra no além.

Francisco de Mendonça aconselha a assembleia a pensar na vida terrena e na hora da morte, demonstrando ter tido um cuidado especial na escolha do vocabulário que decidiu utilizar e que se revela de grande dimensão afectiva:

"olhay que nam tendes carta de seguro, olhay que também correys vosso risco. Hoje estaes são, amanhã doente; hoje em casa, amanhã na cova: hoje vestido, & calçado, amanhã desfeito em pó, & em cinza. [...] Trazey a consciência segura, já que trazey a vida tam arriscada"⁴¹ >.

Para vincar a ideia de que o mundo, o demónio e a carne são os três inimigos da alma levando qualquer um a pecar, mesmo tratando-se de alguém cuja vida se reveste de santidade, decide apresentar a peroração em forma de exemplo. Como estratégia resolve narrar um episódio adequado aos preceitos transmitidos e suficientemente interessante para deleitar a assembleia, visto o discurso ir já longo. Ao mesmo tempo aproveita para demonstrar, de forma inequívoca, como os mortos podem trazer grandes benefícios aos vivos:

"Hum varão de rara, & estremada penitencia, morador de muytos annos em hum deserto, foy hum dia gravissimamente tentado pollo demónio; [...] Determina deyxar o Ermo, & tomar-se ao mundo, a se engolfar em seus deleytes. Assy o fez. No caminho em hum sono, que teve, eys que lhe apparece hum homem ancião, <& venerável, com hua voz grave, & severa. Que he isto? Donde vens? [...] Venho do semiço de Christo. Pêra onde vas? Vou pêra o semico do mundo. Quem te leva? Levame o meu desenfreado appetite. Que vas fazer? Vou largar as rédeas a todo o género de peccados. [...] Queres algum remédio pêra tornares atras? Ja pêra mim nam ha remédio. [...] O desatino de homem! [...] vem por aqui comigo. Levao a hum rocio grande [...] o qual todo estava cheo de corpos mortos [...] começa a passear com elle de huma parte pêra a outra [...] aqui pisava o rosto a hum, ally os braços a outro, acolá os peytos ao outro. Que he isto, diz o solitário. [...] Eu to direy [...] ves aquelle corpo tam feo, tam podre, meyo comido de bichos. Eys ally aquelle poderoso Emperador do Egypto Pharaó, que se queria pòr hombro por hombro com Deos, pó, & cinza.

⁴⁰ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 365.

⁴ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 366.

[...] Olha finalmente pêra ally, & eys ally aquella profana, & de s aventurada Rainha Jezabel, [...] pó, & cinza. Eys aqui a gloria do mundo, eys aqui as riquezas do mundo [...] desfeitas em pó, & cinza. [...] He possível, que todos os deleytes, a que agora me quero dar, hao de vir parar nisto? Que cegueyra a minha. Hà tantos annos, que sirvo a Deos [...] & agora por hum gosto [...] que tam depressa passa, quero deyxar a Deos, & perder minha salvação? [...] volta Eterno Deos [...] nunca mães quero peccar [...] eternamente vos quero servir. Assy ofez.⁴²

Da mesma forma que o Santo eremita se salvou pela visão de tantos coipos mortos, símbolo do destino a que iriam parar todas as glórias mundanas, também os irmãos da Misericórdia, reunidos para escutar o orador sagrado, poderiam alcançar a glória se atendessem aos conselhos de Francisco de Mendonça - pôr de lado as vaidades e preparar a própria morte.

Como o motivo que os agrupava naquele espaço era a vigília dos defuntos, festa que a Igreja celebra anualmente, o pregador relacionando a necessidade de todos lembrarem a moite que os tomará a qualquer instante e as circunstâncias que levaram a assembleia a reunir-se, convida:

*"entremos por aquellas sepulturas, ponhamos os olhos naquellas mortalias, ponhamos os olhos naquelles ossos, ponhamos os olhos naquellas cinzas [...] com esta vista as tentações desaparecerão, os demónios fujão, os peccados morrão"*⁴³.

O jesuíta Francisco de Mendonça, nunca se desviando do tema dos sermões recitados, procurou mover a vontade de quem o escutava, de forma a conseguir levar os ouvintes a chorar por aqueles que já tinham falecido e principalmente, a chorar por aqueles que estando vivos pre-anunciavam a morte - todos os presentes.

Assim, um acontecimento que a Igreja celebra todos os anos transformou-se numa lição sobre a necessidade de meditar e preparar a morte.

Pelo manejo adequado de técnicas da retórica e pela acomodação inteligente de passagens da Sagrada Escritura e dos Doutores da Igreja a diferentes situações que pretendia comentar, o pregador torna-se, de facto, um agente divulgador das ideias do seu tempo que aconselham a que se medite na morte todos os dias, exercício eficaz para se conseguir viver santamente e alcançar a tão desejada Boa Morte.

O orador sagrado ao abranger um vasto e diversificado público, que de forma alguma a palavra impressa conseguiria alcançar, transforma o púlpito no grande mass média da época, contribuindo para a massificação de comportamentos e atitudes. Na sociedade do antigo regime, tão fortemente hierarquizada, encontramos certas práticas muito vulgarizadas, quer se trate de um nobre ou de um simples lavrador, tais como as disposições testamentárias que permitem, na perspectiva dos testadores, pensar na Morte e consequentemente prepará-la⁴⁴. Acreditamos que esta atitude não é alheia aos conselhos divulgados pelos pregadores que, do púlpito, moldam as consciências e condicionam os comportamentos.

⁴² MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, pp. 366-367.

⁴³ MENDONÇA, Francisco de, *ob. cit.*, p. 367.

⁴⁴ RODRIGUES, Manuela Martins, *Morrer no Porto durante a Época Barroca: atitudes e sentimento religioso - 1650-1749*, dissertação de mestrado, policopiado, F.L.U.P., 1991.